

A AUTOMEDICAÇÃO EM CONTROLADORES DE VOO DE BRASÍLIA

SELF MEDICATION IN BRASILIA FLIGHT CONTROLLERS

Neugivan Ricardo de Medeiros¹, Rosângela Batista de Vasconcelos²

Como citar:

Medeiros NR, Vasconcelos RB. A automedicação em controladores de voo de Brasília. Rev. Cient. Sena Aires. 2017; 6(1): 30-7.

RESUMO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ter saúde vai muito além do fato de não apresentar doenças, ou seja, o indivíduo precisa dispor de bem estar social, físico e mental. Não é raro encontrar alguém que faça uso da automedicação para alcançar seu bem estar, podendo essa prática influenciar diretamente nas suas tarefas diárias. No presente estudo, analisou-se a frequência do uso de medicamentos pelos controladores de voo de Brasília, onde foi realizada uma pesquisa de campo através de um questionário pré-elaborado, analisando a classe de medicamentos mais utilizados, tempo de uso e conceito "popular" de automedicação. Visando proporcionar uma reflexão sobre o assunto a esses profissionais, foi aplicado um questionário entre os profissionais que controlam voo em Brasília, analisando o uso constante ou não da prática de automedicar-se em períodos longos ou não, já que o seu próprio diagnóstico o induz a escolher o melhor medicamento, no seu ponto de vista, para a causa da dor, fazendo com que uma consulta médica seja dispensada. Muitos pacientes que se automedicam buscam aliviar ou abrandar algum sintoma, estando sujeito dessa forma causar um dano maior a sua saúde por intoxicações ou pelo fato de mascarar alguma patologia grave.

Descritores: Farmácia; Automedicação; Controladores de Voo.

ABSTRACT

According to the World Health Organization (WHO), have health goes far beyond the fact of not having diseases, that is, the individual must have social welfare, physical and mental. It is not rare to find someone to make use of self-medication to achieve their well-being and can directly influence this practice in their daily tasks. In the present study we analyzed the frequency of drug use by flight controllers in Brasilia, where a field survey using a pre-designed questionnaire was conducted by analyzing the class most widely used drugs, use of time and concept "popular" of self-medication. Aiming to provide a subject of reflection to these professionals, was applied a survey among professionals that control flight in Brasilia analyzing the constant use or not the practice of self-medicate for long or no periods, since his own diagnosis induces him to choose the best medicine, in his view, for the cause of pain, making a doctor's appointment is waived. Many patients who seek self-medicate to alleviate or slow down any symptoms and is subject thereby cause greater damage to their health by poisoning or because of masking some serious pathology.

Descriptors: Pharmacy; Self-Medication; Flight Controllers.

REVISA

¹ Acadêmica de Farmácia.
Faculdade de Ciências e
Educação Sena Aires.

² Farmacêutica. Mestre em
Ciências Médicas. Faculdades
Integradas da União
Educacional do Planalto
Central.
rvfar@yahoo.com.br

Recebido em: 25/03/2017
Aceito em: 21/05/2017

ORIGINAL

INTRODUÇÃO

A automedicação tem sido um problema difícil de lidar nos dias atuais, podendo afetar muito o desempenho de controladores de voo por conta da precisão necessária nas decisões imediatas. Dados disponibilizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que aproximadamente 50% dos medicamentos são consumidos de forma inadequada. Cada vez mais o livre comércio associado ao uso irracional do medicamento favorece esse procedimento.¹⁻²

Em 2010, a média de consumo dos medicamentos era de 11 caixas, sendo que 8 delas eram sem a orientação de um médico ou farmacêutico. Baseado em dados da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica, é observado que 80 milhões de pessoas tomam medicação por conta própria e a justificativa desses pacientes para tal ato é a falta de informações e até mesmo a precariedade do serviço de saúde pública brasileira. Não é diferente do que vem ocorrendo em países desenvolvidos, onde os medicamentos que possuem venda livre vêm aumentando gradativamente.³

Um fato importante a ser observado e que certamente contribui a automedicação dos controladores de voo são os longos e exaustivos períodos de trabalho sem intervalos, que podem causar fadiga e acabam comprometendo o desempenho físico e mental dos colaboradores na inversão de seus turnos de trabalho, podendo até mesmo interferir nas tarefas múltiplas realizadas, simultaneamente, e com diferentes graus de complexidade em vários níveis de atenção desses indivíduos.⁴

Dados obtidos pela Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA) mostram que, anualmente, cerca de 20 mil pessoas morrem no país, vítimas da automedicação. Folhetos e cartilhas são produzidos em campanhas para tentar conscientizar os usuários, mas a fiscalização torna-se quase impossível já que diversos medicamentos são de fácil acesso, como analgésicos, relaxantes musculares, calmantes naturais e anti-hipertensivos, que muitas vezes dispensam a necessidade de receituário médico.⁵

O profissional farmacêutico tem extrema importância para o uso racional do medicamento pelo seu paciente, orientando-o de que o uso de forma descontrolada acarretará em um agravamento da patologia, piorando sua saúde ou causando uma intoxicação, no pior das hipóteses levar o paciente ao óbito.⁶ A utilização dos medicamentos é na maioria das vezes com base na indicação de vizinhos, colegas, amigos e familiares. E em muitas dessas situações, os usuários determinam a dose sem nenhum critério.

A farmácia domiciliar tem contribuído para a automedicação, não responsável frequentemente, pelo fato da facilidade de ter o medicamento ao alcance da mão e até intoxicações em crianças pequenas por conta do local de armazenamento ser inadequado.⁷

Visando a medida de tal prática, foi aprovada a Lei 13.021, autorizando os profissionais farmacêuticos a orientar os pacientes do seu município, porém ainda falta ser regularizada junto à ANVISA.

MÉTODO

O presente estudo buscou realizar uma abordagem descritiva quantitativa, ordinal, utilizando-se para coleta de dados. Os voluntários que participaram desse estudo foram compostos por uma equipe de colaboradores pertencente ao quadro de controladores de voo, situado em Brasília-DF. Todos os colaboradores possuem escolaridade compatível com o desempenho da

função, cada participante recebeu um questionário autoaplicável, após a aprovação do estudo pelo comitê de ética, no período compreendido entre Fevereiro e Junho. Após análise dos dados coletados e lançados em planilha do Excel, foram gerados gráficos e tabelas, para uma melhor visualização e comparação das informações.

Foi incluso no estudo apenas os trabalhadores que se encontravam no exercício ativo de suas funções, durante o período da coleta dos dados e que concordassem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa analisou a frequência do uso de medicamentos pelos controladores de voo em Brasília, sendo selecionados 22 para participarem da pesquisa, todos do sexo masculino. A pesquisa foi realizada através de um questionário com 18 perguntas, no qual foi dividido em 3 (três) subgrupos para uma melhor compreensão e organização dos dados, sendo eles: perfil socioeconômico dos entrevistados, perfil quanto a automedicação e, automedicação e orientação profissional, abordando sobre a frequência da automedicação. A faixa etária predominante está entre 20 e 25 anos (33%), grande parte dos entrevistados possui nível superior (61%) e também 61% dos participantes não ingerem bebida alcoólica.

A predominância do sexo masculino na pesquisa é pelo fato do local onde foram abordados ter apenas homens na função, um dos critérios da empresa é ter mais de 10 anos de efetivo exercício, tendo poucas mulheres habilitadas. Aqueles que optaram por uma qualificação de nível superior, o fizeram por livre vontade, já que a profissão não exige terceiro grau para ingresso (Tabela 1).

Tabela 1- Tabela do Perfil socioeconômico dos entrevistados (n=22).

Gênero	n	%
Feminino	0	0,0
Masculino	22	100
Idade	n	%
20-25	6	27,3
26-30	2	9,1
31-35	2	9,1
36-40	2	9,1
41-45	4	18,2
46-50	3	13,6
>50	3	13,6
Escolaridade	n	%
Ensino Médio	7	31,8
Superior	15	68,2
Faz uso de bebida alcoólica	n	%
Sim	10	45,5
Não	11	50,0
Não respondeu	1	4,5

A automedicação pode ser considerada como o uso de um medicamento qualquer sem ter sido prescrito por algum profissional habilitado, podendo ser o médico, dentista ou farmacêutico. A maioria dos pacientes não se dá conta

que o uso inadequado de medicamentos pode levar desde a uma reação alérgica leve até a um quadro grave de intoxicação, chegando até mesmo ao óbito.⁸

Alguns desses fármacos escolhidos na automedicação acabam sendo utilizados de forma inapropriada; dessa forma, pessoas sem conhecimento prévio acabam utilizando antibióticos para tratar infecções de etiologia viral, ou utilizam fármacos cujo poder de tratamento não está comprovado, sem falar nos problemas relacionados aos erros na dosagem, intervalo de administração das medicações e tempo de utilização das mesmas.⁶ A prática da automedicação está longe de acabar e um dos fatores que possivelmente trabalha contra sua eliminação é a ideia que o paciente tem do medicamento ser inofensivo, devido o acesso fácil para adquiri-lo, passando a ser indispensável seu uso ou de terceiros.⁸ Outro fator que promove a automedicação é utilizar algum medicamento que restou do tratamento de uma outra patologia já tratada, podendo levar ao agravamento a longo prazo por conta que certas doenças podem estar sendo mascaradas pelo uso freqüente de medicamento não apropriado àquela patologia da ocasião.

O profissional farmacêutico deve observar constantes reclamações de dores, caso esteja sendo consultado, e deverá orientar o paciente para que o mesmo procure um médico para diagnósticos específicos e mais detalhados.⁹ Para avaliar a facilidade e a frequência do uso de medicamentos foram usadas questões específicas, nas quais 86% dos entrevistados responderam que tem o costume ou já compraram medicamento sem apresentar receita médica para sua aquisição, sendo para uso próprio (59%) ou de algum familiar (13%).

O uso do medicamento comprado sem receituário durou em média de 3 à 5 dias (63%), possivelmente pelo tempo de tratamento em que os sintomas desaparecem, 68% dos entrevistados disseram usar medicamento sempre que achavam convenientes, outros 18% não souberam informar e 4% não se automedicam ou por seguir rigorosamente orientações médicas ou por fazerem uso de medicina alternativa (Tabela 2).

Tabela 2- Tabela do Perfil do entrevistado quanto a automedicação (n=22).

Já comprou ou utilizou medicamento sem receita médica	n	%
Sim	19	86,4
Não	3	13,6
Não respondeu	0	0,0
O medicamento era para uso	n	%
Próprio	13	59,1
Algum Familiar	3	13,6
Próprio e algum familiar	4	18,2
Não respondeu	2	9,1
Tempo que utilizou o medicamento	n	%
1 (um) dia	3	13,6
2 (dois) dias	2	9,1
3 (três) à 5 (cinco) dias	14	63,6
> 5 (cinco) dias	1	4,5
Não respondeu	2	9,1
Frequência da automedicação	n	%
Uma vez por semana	1	4,5
Sempre que acha conveniente	15	68,2
Nunca se automedica	1	4,5
Não sabe informar	4	18,2
Não respondeu	1	4,5

O aumento de patologias causadas por drogas e despesas públicas desnecessárias com doenças está ligado à automedicação. Além de tudo, estudos mostram que o fármaco pode sim produzir efeito benéfico em algumas pessoas, dependendo das circunstâncias, visto que, em outras, tem um efeito indesejável nas mesmas condições. Por isso, a importância de se ter uma atenção profissional especializada, para conscientizar o paciente sobre os reais riscos da automedicação.¹⁰ No dia a dia, o profissional farmacêutico tem buscado seu espaço dentro da farmácia, mesmo tendo uma desvalorização da profissão, porque no ramo de suas habilitações ele é o profissional com competência para prestar adequadamente a assistência farmacêutica, cujo objetivo central é a conscientização do indivíduo/paciente de que os medicamentos utilizados corretamente e sob orientação de um profissional habilitado, proporcionam o alívio de males que influenciam sua saúde.¹¹

O profissional farmacêutico é responsável em oferecer as informações técnicas de confiança sobre determinado medicamento, por conta do amplo conhecimento que possuem. O conjunto de instruções curriculares nacionais envolvendo os cursos de Farmácia deixa claro qual deve ser o múltiplo conhecimento a ser adquirido pelo farmacêutico, não envolvendo somente o de caráter técnico-científico, mas também ética e humanização, porque as farmácias são consideradas o atendimento primário à saúde em nosso país, fazendo com que o farmacêutico seja procurado, até mesmo, antes de um serviço hospitalar.¹²

Tanto que 81% dos entrevistados responderam que sempre buscam orientação antes de comprar o medicamento, seja pelo farmacêutico ou balconista que se encontra na farmácia. Alguns dos entrevistados (72%) informaram que usam o mesmo medicamento para tratar um mesmo sintoma que sentem, tornando-se assim um fator preocupante, já que a posologia administrada ou até mesmo o próprio fármaco não apresentarem mais efeito farmacológico desejável no organismo do paciente.

Esses pacientes devem ter em mente que sintomas iguais podem ter causas diferentes. Os sintomas são apenas um dos indicativos de problemas de saúde. Para se ter um tratamento adequado e satisfatório é preciso antes da prescrição ter uma consulta médica, um exame clínico e a realização de exames complementares, tudo sendo fundamental e indispensável. Infelizmente não é a realidade, devido a condições que dependem da facilidade ou dificuldade com que os pacientes se encontram no momento em que vão em busca do atendimento médico disponibilizado pelos serviços de saúde. Tais condições talvez sejam provenientes de vários fatores, como a distância dos serviços, os procedimentos e requisitos necessários à admissão do paciente ou o tempo que o paciente fica esperando até ser atendido.¹³

Dados como esses foram observados através da pesquisa realizada como os controladores de voo, 81% procuram orientação do balconista e farmacêutico e apenas 50% procuram um médico para uma consulta, que geralmente ocorreu há mais de 3 meses para a maioria deles (63%)(Tabela 3).

Tabela 3 - Tabela do Perfil da Automedicação e orientação profissional (n=22).

Orientado por farmacêutico ou balconista	n	%
Sim	18	81,8
Não	3	13,6
Não respondeu	1	4,5
Usa o mesmo medicamento para o mesmo sintoma	n	%
Sim	16	72,7
Não	4	18,2
Não respondeu	2	9,1
Procurou cuidados médicos para diagnóstico	n	%
Sim	11	50,0
Não	9	40,9
Não respondeu	2	9,1
Última consulta	n	%

Entre 1 (uma) semana e 1(um) mês	4	18,2
Entre 1 (um) e 3(três) meses	3	13,6
Mais de 3 meses	14	63,6
Não lembra	1	4,5

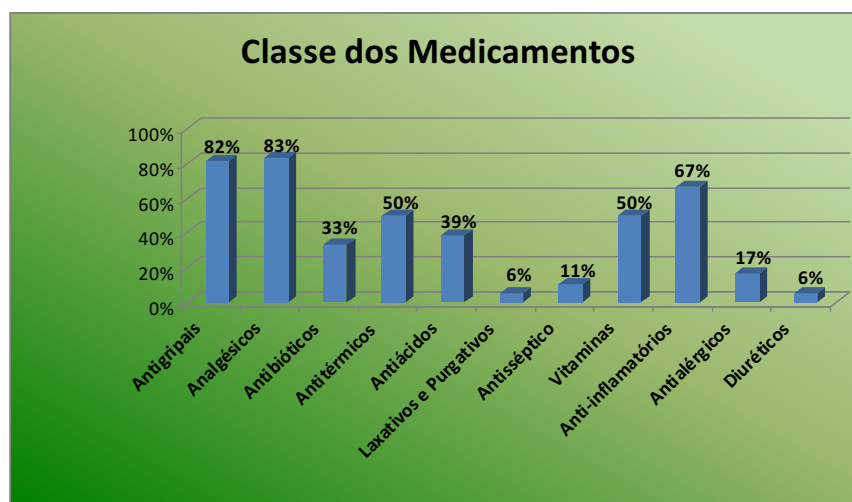
Se o uso do medicamento for indispensável para alguns desses profissionais que controlam o voo, deve ser enquadrado dentro do uso racional de medicamento, que é definida como a prática pela qual os indivíduos tratam doenças, utilizando medicamentos que são aprovados e disponíveis para venda sem prescrição médica e que são seguros e eficazes, quando utilizados racionalmente. Essa prática é aconselhável pela OMS, pelo fato de ser positiva para o sistema de saúde, reduzindo custos e melhorando a produtividade.¹⁰

Em algumas situações, a automedicação pode ser realizada de forma benéfica. Pacientes com patologias crônicas convivem frequentemente com a doença e acabam buscando mais informações sobre a progressão da doença e os medicamentos que podem ser utilizados, como também, outra estratégia terapêutica se houver.¹⁴

Visando que a automedicação responsável aconteça de fato é necessário que o profissional farmacêutico tenha a noção certa de sua competência, sabendo separar os limites entre o seu conhecimento profissional e o conhecimento de um médico, avaliando primeiramente o doente e conduzindo-o a uma unidade de saúde sem alterar a ação sintomática do paciente.

Dentro da competência do farmacêutico, este deve ter conhecimentos detalhados de medicamentos, e suas das reações causadas no organismo, tendo a habilidade de informar as ações dos medicamentos. Mediante essa capacidade, o profissional farmacêutico faz uma análise dos sintomas do paciente, através de uma entrevista, e dentro do que foi apresentado pelo mesmo, faz o aconselhamento certo dentro de sua competência.¹⁵ Na Figura 1, apresenta-se Classe de Medicamentos mais utilizados pela amostra de estudo.

Figura1 -Classe de Medicamentos mais utilizados pela amostra de estudo.



Os controladores de voo possuem uma rotina exaustiva entre um turno e outro. Trabalham com o máximo de atenção necessária e a escolha do medicamento julgado por ele melhor para uma dor qualquer, pode interferir na sua produtividade.

Dos entrevistados, 82% afirmaram fazer uso de algum antigripal, quando julgado necessário, porém dependendo do medicamento escolhido

poderá ocorrer sonolência, por conta dos antigripais combinarem várias substâncias ativas, dentre elas o anti-histamínicos. Caso isso ocorra, afetará diretamente no desempenho do controlador de voo, seu nível de atenção estará comprometido. Dentre as outras classes, destacaram-se os analgésicos (83%), seguidos de anti-inflamatórios (67%).

O grande problema encontrado no Brasil é que parte da população tem pouca informação ou instrução, voltada para os medicamentos de fácil acesso, tornando 80 milhões de pessoas usuários frequentes com a prática da automedicação. Isso só reforça o quão importante é que medidas preventivas e educativas sejam cada vez mais presentes na vida dos pacientes, para favorecer a diminuição dos problemas relacionados a automedicação.¹⁶

CONCLUSÃO

A cada dia que passa a automedicação está se tornando cada vez mais comum, muitas vezes para aliviar um dia exaustivo de trabalho, lesões causadas por atividades físicas, com foco no emagrecimento, enfim, a medicação tem estado presente na vida dos brasileiros, porém seu uso abusivo e incorreto trará consequências diferentes da desejada.

Um trabalho voltado para o uso racional de medicamentos poderia melhorar um pouco essa cultura perigosa. As instituições de nível superior, principalmente, aquelas que formam profissionais que atuarão na área da saúde, deveriam focar mais nesse assunto, junto aos seus alunos.

Campanhas de conscientização por parte do Governo e Ministério da Saúde deveriam ser mais frequentes. Os funcionários de uma drogaria, seja ele farmacêutico ou balconista, devem ter consciência até que ponto pode atuar na orientação de seus clientes/pacientes, devendo encaminhá-los a um médico, caso necessário.

Por fim, foi identificado mediante o questionário aplicado que os profissionais que controlam voo em Brasília possuem um conhecimento prévio sobre a automedicação, porém alguns são adeptos, quando necessário, mesmo podendo influenciar no desempenho de suas funções.

REFERÊNCIAS

1. Itani A. Saúde e gestão na aviação: a experiência de pilotos e controladores de tráfego aéreo. *Psicol Soc.* 2009; 21: 203-12.
2. Goulart IV, Cesar JA, Gonzalez-Chica DA, Nelson Arns Neumann NA. Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. *Rev Bras Saude Mater Infant.* 2012; 12 (2):165-72.
3. Fonseca FIRM, Dedivitis RA, Smokou A, Lascane E, Cavalheiro RA, Ribeiro EF, et al. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. *Diagn Tratamento.* 2010;15(2):53-7.
4. Lima AMJ; Soares CMV. Souza AOS. Efeito da inversão dos turnos de trabalho sobre capacidade aeróbia e respostas cardiovasculares ao esforço máximo. *Rev Bras Méd Esporte* 2008; 14(3): 201-4.
5. Silva LAF, Rodrigues MAS. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. *Rev Bras Farm.* 2014; 95 (3): 961-75.
6. Filho PCPT, Júnior ACP. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas. *Esc Anna Nery.* 2013; 17 (2):291-7.
7. Tourinho FSV, Bucaretti F, Stephan C, Cordeiro R. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes.

J. Pediatr. 2008; 84 (5): 416-22.

8. Schmid B, Bernal R, Silva N. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. Rev Saúde Pública 2010;44(6):1039-45.

9. Mayolo T, Fernandes LC. Análise da prática de automedicação em uma drogaria de Arroio do Meio-RS. Rev Dest Acad. 2012; 4(3): 7-18.

10. Chiaroti R, Rebello NM, Restini CBA. A Automedicação na cidade de Ribeirão Preto – SP e o papel do farmacêutico nessa pratica. Enc Biosf. 2010; 6 (10): 1-8.

11. Almeida JPG, Cantuária BA, Assis JR. Automedicação realizada pelos pacientes idosos do NASPP em Montes Claros – MG. Rev Multid FIPMOC. 2012; 10(15): 94-103.

12. Fernandes WS, Cembranelli JC. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. Rev UNIVAP. 2015; 21(37): 5-12.

13. Medeiros RA, Pereira VG, Medeiros SM. Vigilância em saúde da enfermagem. Esc Anna Nery. 2011; 15 (2):233-7.

14. Cella E, Almeida RB. Automedicação: enfoque pediátrico. Rev Saúde Públ. 2012; 5(1): 72-86.

15. Alves MR. Frequência de automedicação em residentes do concelho de Chaves. Porto. Dissertação [Mestrado em Ciências Farmacêuticas] – Universidade Fernando Pessoa; 2012.

16. Andrade CTS, Meneses JC, Rios MC, Sena PS. Avaliação dos hábitos associados à automedicação em uma farmácia comunitária em Aracaju-SE: a luz para o farmacêutico. Cad Grad Ciênc Biol Saúde. 2012; 1(15): 19-31.